



Artigos/Articles

Signos indisciplinados: orientações escalares em competição na circulação de “Tchau querida”

Undisciplined Signs: competing scalar orientations in the circulation of “Bye Honey”

Douglas Roberto Knupp Sanque¹

RESUMO

Os primeiros meses de 2016 foram de grande turbulência no cenário político brasileiro, devido principalmente à tramitação do processo de impeachment da ex-Presidenta Dilma Rousseff. Em 16 de março, foi divulgado o áudio de uma ligação telefônica entre Dilma e o ex-Presidente Lula, no fim da qual Lula se despede de Dilma dizendo “tchau, querida”. Mais tarde, em 17 de abril, a Câmara dos Deputados aprovou a abertura do processo de impeachment. Nessa sessão, diversas placas com os índices “Tchau Querida” em verde e amarelo foram erguidas por deputados e deputadas apoiadores do impeachment. Após algumas horas de votação, o deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ) grita “Tchau querida” para o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ), que cospe em seu rosto. Diante desse cenário, este trabalho rastreia a trajetória textual percorrida pelos índices “Tchau Querida”, nos embates interacionais acima, tentando compreender como sua circulação constrói projeções escalares a cada recontextualização desses índices. Trabalhando com uma visão performativa e escalar de linguagem, a análise dos dados permite compreender que há orientações escalares em competição sobre gênero e sexualidade, bem como sobre democracia e justiça social.

Palavras-Chave: tchau querida; escalas; trajetória textual; performatividade.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7975-4013>. Email: dknupp@gmail.com

ABSTRACT

The first months of 2016 were quite turbulent in the Brazilian political scenario, mainly due to the former President Dilma Rousseff's impeachment process. On March 16, a phone call between Dilma and former President Lula was leaked to the media, at the end of which Lula says "Bye honey" [tchau querida]. Later, on April 17, the Lower House of Congress approved Dilma's impeachment. In that session, many signs with the words "Bye honey" in green and yellow were lifted by deputies supporting the impeachment. After a few hours within the session, congressman Jair Bolsonaro (current President) shouts "Bye honey" at openly gay congressman Jean Wyllys, who replies by spitting in his face. In this scenario, this paper tracks the textual trajectory of indexes "Bye honey", through the interaction battles mentioned, attempting to comprehend how their circulation performs different scaling operations within each recontextualization of those indexes. Based on a performative and scalar view of language, data analysis shows there are competing scalar orientations about gender and sexuality, as well as democracy and social justice.

Keywords: *bye honey; scales; textual trajectory; performativity.*

1. Introdução

As eleições presidenciais de 2014 inauguraram um momento de grande turbulência na política institucional brasileira. A vitória de Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores-Minas Gerais) sobre Aécio Neves (Partido da Social Democracia Brasileira-Minas Gerais) gerou muita revolta em alguns setores da sociedade, ao ponto de ser aberta uma petição (que obteve 143.516 assinaturas) no site da Casa Branca pedindo intervenção estadunidense no Brasil². Além disso, a expressiva votação da presidenta reeleita na região Nordeste gerou uma série de discursos de ódio e, inclusive, uma campanha destinada a separar as regiões Norte e Nordeste do restante do Brasil³. Eu mesmo, em interações familiares e profissionais, fui testemunha de comentários associando os eleitores de Dilma Rousseff com pessoas pobres e sem formação escolar (por vezes, até chamados de "burros").

Após a recondução da presidenta, já em 2015, manifestações de rua foram marcadas para o dia 15 de março, exigindo o impeachment de Dilma. Mais de 160 cidades brasileiras contaram com manifestações, tendo a maior delas

² Conferir <https://petitions.whitehouse.gov/petition/position-yourself-against-bolivarian-communist-expansion-brazil-promoted-administration-dilma-rousseff>.

³ Conferir

https://www.google.com.br/search?q=rep%C3%ABblica+popular+do+brasil+estados+unidos+d+o+brasil&espv=2&biw=1366&bih=643&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwIU47HE7J3KAhWGHZAKHYXbBawQ_AUIBigB#tbm=isch&q=separar+o+nordeste+do+brasil&imgcr=VuiOhG7X1atkM%3A.

acontecido em São Paulo⁴. Vale lembrar que a reeleição de Dilma ocorreu após o início da Operação Lava-Jato da Polícia Federal, que vem investigando (e prendendo) empresários e políticos acusados de desvios de dinheiro na Petrobras. A operação vem sendo manchete dos noticiários nos últimos anos e o envolvimento de parlamentares do PT afetou diretamente a imagem do partido.

Em dezembro de 2015, o então Presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (Movimento Democrático Brasileiro-Rio de Janeiro) aceitou pedido de impeachment de Dilma protocolado em 15 de outubro daquele ano⁵. Em 17 de abril de 2016, em sessão de votação nominal, os deputados aprovaram a abertura do processo de impeachment, encaminhado ao Senado, que, em 31 de agosto, depôs a Presidenta eleita Dilma, substituída por seu vice Michel Temer (MDB-São Paulo). Era o fim da era de 14 anos do PT no governo federal, marcada por denúncias de corrupção e também por medidas importantes e mundialmente conhecidas como o Bolsa-Família, a Lei de Cotas e a Lei Maria da Penha.

Desde que o pedido de impeachment de Dilma foi aceito na Câmara, um clima de grande instabilidade tomou conta do país. Durante o mês de março de 2016, gravações foram vazadas envolvendo o ex-Presidente Lula em conversas telefônicas, inclusive com a então Presidenta Dilma. Além disso, com poucos dias de diferença, o ex-Presidente foi conduzido coercitivamente para depor na Polícia Federal e foi nomeado ministro por Dilma. Em uma das conversas telefônicas vazadas, Dilma diz a Lula que estava enviando um emissário com o termo de posse do ministério. Ao fim da ligação, Lula se despede de Dilma dizendo “tchau querida”, expressão que foi, mais tarde, recontextualizada na sessão do impeachment na Câmara dos Deputados, quando diversos cartazes em verde e amarelo foram erguidos por deputados favoráveis ao impeachment de Dilma. Nessa sessão de votação, após transcorridas algumas horas, houve uma interação entre os deputados Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal-RJ) e Jean Wyllys (Partido Socialismo e Liberdade-RJ), durante a qual o primeiro grita “tchau querida” para o segundo, que então responde com uma cusparada no rosto de Bolsonaro.

Diante desse cenário, rastreio, neste artigo, a trajetória textual dos signos “Tchau Querida”. Interesse-me em compreender como seu processo de circulação, desde a ligação entre Lula e Dilma até a interação entre Bolsonaro e Jean, (re)constrói projeções escalares a cada recontextualização desses signos. Para isso, este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, discorro brevemente sobre os anos do PT à frente do governo federal, bem como sobre o andamento do pedido de impeachment, desde sua aceitação em 2 de dezembro de 2015 até sua aprovação na Câmara em 17 de abril de 2016; na

⁴ Conferir <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/manifestantes-protestam-contradilma-em-estados-no-df-e-no-externo.html>.

⁵ Conferir <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/12/leia-a-integra-do-pedido-de-impeachment-de-dilma-aceito-por-eduardo-cunha-4921294.html>.

seção 3, exponho a perspectiva de discurso com que opero, como atividade performativa e escalar; na seção 4, encaminho a análise dos dados; e na seção 5 faço minhas considerações finais.

2. O PT no poder e o processo de abertura do impeachment

Os governos do PT, que tiveram início com a eleição de Lula em 2002, ficaram marcados, entre outros programas, pelo aumento do salário mínimo acima da inflação e pelo Bolsa-Família (Carvalho, 2018, p. 19-21); o Minha Casa Minha Vida, que facilitava a compra de imóveis para pessoas de baixa renda; o REUNI, PROUNI e FIES, que expandiram e facilitaram o acesso ao ensino superior; a lei de cotas raciais; e o programa Brasil sem Homofobia, que propunha, entre outras medidas, o debate sobre gênero e sexualidade nas escolas. É possível dizer que esse conjunto de ações possibilitou as vitórias do PT em 2006 (com Lula), 2010 e 2014 (com Dilma).

Entretanto, a reeleição de Dilma Rousseff em 2014 já ocorrera em um ambiente de grande turbulência, como mencionado acima, agravado após o fim das eleições. O candidato derrotado, Aécio Neves (PSDB-MG) não aceitou o resultado das eleições e, pela primeira vez desde que o Brasil voltou a ter eleições gerais para a presidência, questionou o resultado das eleições, inclusive abrindo um pedido de auditoria no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Além disso, passada a eleição, e contrariando o que havia afirmado em campanha, Dilma Rousseff inicia um forte ajuste fiscal, incluindo a liberação dos preços de energia e combustíveis, além de cortes na educação, no auxílio-doença, abono salarial, pensão por morte e seguro desemprego⁶. Como resultado, o Brasil entrou em uma forte recessão (Carvalho, 2018, p. 98) em 2015, com aumento do desemprego e da inflação, que fechou o ano em 10,67%. Isso significa que, à crise política, somou-se a crise econômica.

Outro fator crucial na desestabilização do governo Dilma, e na polarização política que o país vive desde então, é a Operação Lava-Jato, que tivera início em março de 2014 e investiga desvio de dinheiro público na Petrobras. Como argumenta Souza (2016, pp. 87-91), a imagem da corrupção foi igualada à imagem do PT, devido tanto à Operação Lava-Jato, quanto ao caso do mensalão do PT, que foi denunciado em 2005 e julgado em 2012 no STF, com ampla e inédita cobertura midiática. Lima (2015, p. 109) argumenta que a comunicação do caso do mensalão na grande mídia ajudou a criar a imagem do PT como uma quadrilha, inserindo, inclusive, um novo vocabulário para falar sobre corrupção no Brasil, como mensalão, mensaleiro, valerioduto, propinoduto etc. Assim, a crise política iniciada no desfecho do processo eleitoral era agravada pelas

⁶ Ver <http://www.planejamento.gov.br/tema/MPs-664-665/noticias/medidas-provisorias-do-ajuste-fiscal-sao-aprovadas-pelo-congresso>.

denúncias de corrupção, atingindo Dilma, Lula e o PT. Como corolário, a aprovação de Dilma chegou a 9% em julho de 2015⁷.

O caso do ex-Presidente Lula, que já era alvo da Lava-Jato, avançou bastante enquanto o pedido de impeachment contra Dilma tramitava na Câmara dos Deputados⁸. Cabe frisar que Van Dijk (2017) argumenta que o processo contra Lula ajudava a fragilizar o governo Dilma, dada a proximidade entre os dois, e o fato de Dilma ter sido a sucessora de Lula na presidência. No decorrer das investigações contra Lula, no dia 04 de março, foi expedido contra ele um mandado de condução coercitiva pelo juiz Sérgio Moro (magistrado responsável pelo julgamento em primeira instância de ações movidas no âmbito da Lava-Jato)⁹. Mais tarde, no dia 16 de março, a então Presidenta Dilma nomeou Lula Ministro da Casa Civil¹⁰, cargo que ele acabou não assumindo por decisão do STF.

Todos esses acontecimentos (principalmente a condução coercitiva de Lula, de um lado, e sua nomeação para o ministério, de outro) provocaram fortes reações da sociedade brasileira. Parte da população apoiou a condução, tendo inclusive realizado um “aplaudo” em diversas cidades do país¹¹ e condenou sua nomeação ao ministério, alegando que tal ato serviria apenas ao propósito de retirar a investigação de Sergio Moro. Por outro lado, outra parte da população repudiou a condução coercitiva do ex-Presidente, o que, inclusive, deu força aos movimentos contra o impeachment. No mesmo dia 16 de março, foi divulgado o áudio (resultado de grampo autorizado e vazado por Moro) de uma ligação telefônica, feita no mesmo dia entre Lula e Dilma, em que ela afirma que estaria enviando até ele um emissário com o termo de posse do ministério a ser usado “em caso de necessidade”¹². Nessa ligação interceptada, Dilma se despede de Lula dizendo “tchau”, ao que o ex-Presidente responde “tchau, querida”.

Como se pode perceber, diversos fatos aconteceram em uma velocidade muito grande, envolvendo alguns dos principais nomes políticos do Brasil. A cobertura midiática foi quase completamente tomada pelos acontecimentos políticos do país e, no mês de março de 2016, iniciaram-se diversas

⁷ Ver <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/07/01/dilma-pesquisa-ibope.htm>.

⁸ O ex-Presidente foi sido preso em 07/04/2018 após condenação em segunda instância e solto em 08/11/2019 após mudança na jurisprudência do STF.

⁹ Disponível em <http://www.ebc.com.br/noticias/2016/03/o-que-e-conducao-coercitiva>. Último acesso em 11/09/2016.

¹⁰ Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/planalto-anuncia-lula-como-novo-ministro-da-casa-civil.html>. Último acesso em 11/09/2016. A Constituição Federal de 1988 (CF-88), artigo 102, inciso I, alínea B, estipula que cabe ao Supremo Tribunal Federal processar e julgar Ministros de Estado. Sendo assim, o processo do ex-Presidente Lula sairia da primeira instância e passaria ao STF, caso tivesse assumido o cargo de ministro.

¹¹ Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/03/04/internas_polbraeco,520674/brasileiros-fazem-aplaudaco-em-apoio-a-acao-da-pf-contra-lula.shtml. Último acesso em 11/09/2016.

¹² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YnQTPcpM-U>. Último acesso em 10/09/2016.

manifestações a favor e contra o impeachment em diversas cidades, demonstrando o clima de polarização política entre direita e esquerda que vem dominando o Brasil desde então. Após o trâmite legal interno da Câmara dos Deputados, no domingo, dia 17 de abril, às 14h¹³, teve início, com transmissão ao vivo das maiores emissoras de televisão do país, a sessão que aprovou a abertura do processo de impeachment contra a então Presidenta Dilma, por 367 votos a favor e 137 contrários (eram necessários 342 votos). A votação ficou famosa graças às justificativas dadas pelos parlamentares para destituir a presidenta, que incluíam deus, suas famílias, o juiz Sérgio Moro... Diversas placas em verde e amarelo com os dizeres “Tchau Querida” foram erguidas durante essa sessão, como mostro na seção 4 deste artigo.

Em seu voto, o deputado federal Jair Bolsonaro (PSL-RJ) homenageou a memória do ex-coronel do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra, segundo ele “o pavor de Dilma Rousseff”. Vale frisar que o coronel¹⁴ foi chefe do DOI-CODI de São Paulo, encarregado da repressão política a grupos de esquerda durante a ditadura militar (1964-1985), e que Dilma foi presa e torturada durante esse período. Em seguida, votaram Jandira Feghali (Partido Comunista do Brasil-RJ) e Jean Wyllys (PSOL-RJ), o qual, após proferir seu voto, é interpelado por Bolsonaro, que acena e grita repetidamente “Tchau Querida” acintosamente para Jean, que cospe em seu rosto¹⁵.

Dessa forma, é possível perceber que “Tchau Querida” é recontextualizado em diferentes interações (na ligação telefônica entre Lula e Dilma, nas placas erguidas na Câmara dos Deputados e na interação entre Bolsonaro e Jean). A cada entextualização, novos sentidos são mobilizados, o que significa afirmar que, como mostro na análise dos dados, o processo de circulação desses signos é constitutivo de novas recontextualizações. Ao serem mobilizados em diferentes configurações e circunstâncias, os signos “Tchau Querida” constituem projeções escalares que vão produzindo efeitos semânticos inusitados sobre orientações ideológicas, identidades, relações e hierarquias sociais (de gênero e sexualidade, por exemplo). Assim, faz-se necessário conceber o funcionamento da linguagem como uma prática performativa e escalar, em fluxo constante, que molda perspectivas no aqui e agora interacional. A esse esforço teórico está dedicada a próxima seção.

3. Uma visão performativa e escalar de linguagem

¹³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU>.

¹⁴ Em 2012, o coronel Brilhante Ustra foi condenado por tortura e homicídio cometidos durante a ditadura. Conferir <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,coronel-ustra-e-condenado-por-morte-de-jornalista-na-ditadura,891926>.

¹⁵ Conferir <https://www.youtube.com/watch?v=7LhkD64Eoqg> e <https://www.youtube.com/watch?v=ynwBrMgMvWo>

Este artigo está ancorado numa perspectiva austiniana de linguagem, que compreende que os usos linguísticos são performativos, ou seja, são ações em si mesmos, já que “a linguagem é sempre performativa [porque] produz as condições que descreve” (Pennycook, 2007, p. 66)¹⁶. Portanto, faz-se necessária uma perspectiva pragmática de estudo que privilegie os efeitos de significado levados a cabo nas interações. Isso significa compreender que a linguagem performativamente constitui perspectivas sobre a vida e identidades sociais a partir de projeções de relações, separações, hierarquias, aproximações e analogias. Dessa forma, diversos pesquisadores e pesquisadoras vêm propondo pensar a linguagem como uma atividade escalar (Carr; Lempert, 2016; Carr; Fisher, 2016).

Escalas são recursos usados pelos sujeitos para ordenar o mundo social (Blommaert; Westinan; Leppanen, 2014). Para realizar tal ordenação, escalamos o mundo em uma empreitada discursiva essencialmente comparativa e relacional, baseada na qual instâncias distintas são aproximadas e/ou afastadas através de movimentos escalares. Assim, “quando escalamos, nós orientamos, comparamos, conectamos e nos posicionamos” (Carr; Lempert, 2016, p. 3)¹⁷. Em outras palavras, o trabalho escalar molda a percepção dos fenômenos sociais, com base em estratégias orientadoras, tais como analogias, comparações, aproximações, separações e hierarquizações. Dessa forma, a projeção escalar é “efeito de ações semióticas que produzem conexões e aproximações entre entidades de nuançados contextos espaço-temporais ao mesmo tempo em que estabelecem distinções e hierarquias entre elas, conforme critérios avaliativos ou unidades de medida específicos” (Boaventura, 2018, p. 36).

Vale frisar que diferentes indivíduos e grupos sociais desenvolvem diferentes projetos escalares, de acordo com diferentes crenças, conhecimentos e interesses. Isso significa que há “orientações escalares em competição” (Carr; Lempert, 2006, p. 14)¹⁸, o que se apresenta como um traço importante a ser considerado em uma abordagem teórica que se pretenda sensível à escala. É crucial levar em consideração que alguns projetos escalares são institucionalizados e se tornam mais duradouros, além de reclamar uma visão soberana da vida social (Carr; Lempert, 2016, p. 16). Como frisam Moita Lopes, Fabrício e Guimarães (no prelo), “[projetos escalares dominantes] quando iterados ao longo do tempo e persistindo em forma de recontextualizações, podem cristalizar visões específicas, produzindo conceitos totalizantes que orientam atores sociais e constroem pontos de vista específicos sobre pessoas, contextos e eventos, em meio aos quais estão rótulos identitários” (Moita Lopes; Fabrício;

¹⁶ *All language is indeed performative [because] it produces the conditions it describes.* Tradução minha.

¹⁷ *When we scale, we orient, compare, connect, and position ourselves.* Tradução minha.

¹⁸ *competing scalar orientations.* Tradução minha.

Guimarães, no prelo)¹⁹. Assim, diferentes formas de vida são dotadas de valores desiguais (Carr; Lempert, 2016, p. 17) dependendo dos projetos escalares dominantes em circulação.

Tendo em vista que “o trabalho escalar nunca termina, seus produtos não podem nunca ser pré-determinados nem se mantêm estabilizados para sempre” (Carr; Fisher, 2016, p. 152)²⁰, então a ação escalar está sempre aberta ao trabalho discursivo e semiótico metapragmaticamente elaborado (Moita Lopes, Fabricio, Guimarães, no prelo, p. 5; Fabricio; Borba, no prelo, p. 10). Essa abertura se dá pela própria característica de porosidade do processo de significação, já que, segundo Derrida (1977), a cada vez que um signo linguístico é citado, ele “engendra uma infinidade de novos contextos de um modo absolutamente ilimitável” (Derrida, 1977, p. 185)²¹. Em outras palavras, a iterabilidade do signo linguístico une repetição e alteridade de forma inextricável. O signo está sempre aberto a novas possibilidades, associações, analogias... Trata-se, portanto, de um *signo indisciplinado*. Nesse sentido, o significado é sempre um devir, perspectiva que desestabiliza verdades sobre identidades e relações sociais vistas como naturais ou fundacionais.

Em consonância com essa indisciplina do signo, que engendra sempre novas configurações contextuais a cada entextualização, Briggs (2005, p. 273) afirma que “o discurso não [...] está amarrado inexoravelmente a contextos, mas é um processo através do qual atores, populações e instituições asseguram o direito de descontextualizar discurso e recontextualizá-lo em diferentes cenários e gêneros”²². Sendo assim, é importante compreender o argumento de Bauman e Briggs (1990, p. 189) de que “[u]ma dada performance está ligada a vários eventos de fala que a procedem e sucedem”²³ e essa ligação é estabelecida através da entextualização, “processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído de seu cenário interacional” (Bauman; Briggs, 1990, p. 206)²⁴. Sendo assim, a circulação discursiva envolve constantes descontextualizações e recontextualizações, gerando transformações, ainda que diminutas, em novas configurações e circunstâncias, o que abre a

¹⁹ *when iterated over time and persisting in the form of reentextualizations, may crystallize specific views, producing the all-encompassing concepts that orient social actors and construct specific viewpoints on people, contexts and events among which lie 'identity' labels.* Tradução minha.

²⁰ *Scaling never ceases, and its products can never be fully determined in advance nor forever stabilized.* Tradução minha.

²¹ *engendering an infinity of new contexts in a manner which is absolutely illimitable.* Traduzido do francês por Samuel Weber e Jeffrey Mehlman. Tradução de inglês para português é minha.

²² *discourse [isn't] tied inexorably to contexts, but is a process in which actors, populations, and institutions secure the right to decontextualize discourse and recontextualize it in different settings and genres.* Tradução minha.

²³ *A given performance is tied to a number of speech events that precede and succeed it.* Tradução de Vânia Cardoso.

²⁴ *process of rendering discourse extractable, of making a stretch of linguistic production into a unit-a text-that can be lifted out of its interacional setting.* Tradução de Vânia Cardoso.

possibilidade constante de agência e resistência a projetos escalares dominantes.

Dado que os discursos estão em constante circulação por diferentes interações, os limites interacionais não são claramente delimitados, mas sim porosos, e a radicalização, aqui empreendida, do princípio bakhtiniano da intertextualidade nos leva a considerar a atividade semiótica não como atos referenciais, mas sim como uma prática intrinsecamente indexical, já que “[os signos] se referem a cadeias de ações textuais que indexalizam significados sócio-históricos interligados a sistemas de crenças ideológicas” (Moita Lopes; Fabricio; Guimarães, no prelo, p. 6)²⁵. Dessa forma, a atividade analítica empreendida neste artigo rastreia a circulação de uma performance específica e seus múltiplos movimentos indexicais que estabelecem complexas conexões escalares mais ou menos institucionalizadas e dominantes. É com esse compromisso fundamental que passo à análise dos dados na próxima seção.

4. Análise dos dados

Como menciono anteriormente, dedico-me a estudar as recontextualizações dos signos “Tchau Querida” em três momentos: inicialmente²⁶ no telefonema entre Lula e Dilma (gravado e vazado no dia 16 de março); em seguida, em sua múltipla entextualização simultânea em pequenas placas erguidas na Câmara dos Deputados; e, por fim, na interação entre os deputados Jair Bolsonaro (PSL-RJ) e Jean Wyllys (PSOL-RJ). Após ambos proferirem seus votos, Bolsonaro se dirige a Jean e entextualiza os signos “tchau querida”. Em resposta, Jean Wyllys cospe no rosto de Bolsonaro²⁷. É possível, dessa forma, afirmar que “Tchau querida” cumpre uma trajetória textual, através de múltiplas entextualizações. Entretanto, reitero que os comentários analíticos abaixo, bem como a projeção e recorte da trajetória de “Tchau querida”, são fruto de um gesto interpretativo meu, resultado de como eu reconstruo, com base nos trabalhos dos autores e autoras que elenco neste artigo, a circulação performativa desses signos através dos encontros interacionais que listo acima.

4.1 Primeira entextualização

Como menciono na seção 2, no dia 16 de março de 2016, foi divulgado na mídia um áudio de um telefonema entre a então Presidenta Dilma e o ex-

²⁵ [signs] refer to chained textual actions which index sociohistorical meanings intertwined with ideological belief systems. Tradução minha.

²⁶ Vale a pena frisar que o início dessa trajetória é projetado por mim, uma vez que não tenho a pretensão de revelar quando tal expressão foi utilizada pela primeira vez. Todavia, compreendo que a utilização desses signos na fala do ex-presidente Lula estabelece conexões intertextuais (BLOMMAERT, 2016) com as demais entextualizações aqui analisadas.

²⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JWyd15kODjc>.

presidente Lula, acontecido no mesmo dia. Abaixo, transcrevo o trecho do áudio em que Dilma e Lula conversam²⁸.

1	Dilma	alô
2	Lula	<ALÔ>
3	Dilma	<Lula> (.) >deixa eu te [falar uma coisa<
4	Lula	[oi, minha querida
5	Lula	ahn
6	Dilma	seguinte (.) eu tô mandando (.) o Bessias junto com o papel
7	Dilma	[pra gente ter ele e só usa em caso de necessidade que é o termo de posse
8	Lula	[ahn
9	Lula	uhum.
10	Dilma	tá?= =Tá tá bom tá bom
11	Lula	só isso (.) você espera aí que ele tá indo aí
12	Dilma	[(inaudível)
13	Lula	tá bom (.) eu tô aqui eu fico aguardando.
14	Dilma	tá?
15	Lula	tá [bom
16	Dilma	[tchau
17	Lula	tchau querida

É possível afirmar que o enquadre interpretativo predominante no excerto acima é de conversa amigável. Alguns exemplos são “seguinte”, na linha 6 (marca linguística recorrente em interações orais cotidianas); o uso constante por ambos da abreviação “tá” e “tô”, nas linhas 6, 10, 11, 12, 14, 15 e 16; além da expressão “ter ele” na linha 7 (inadequação com a norma padrão indexicaliza um grau de relaxamento na fala). Lula também ratifica esse enquadre ao usar o tratamento “querida”, referência entextualizada duas vezes durante a conversa, sendo a primeira acompanhada da predicação “minha”, indicativa de posse, o

²⁸ O áudio está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YnQTPcpM-U>.

que parece aproximar ainda mais a relação entre os dois. Esse enquadre interacional está em linha com a projeção de circulação de uma conversa telefônica, que, de maneira geral, é restrita e projetada, dessa forma, uma escala de intimidade.

Entretanto, ainda que de maneira bastante diluída, um sutil posicionamento de autoridade é projetado por Dilma, que é quem toma a iniciativa de fazer a ligação e terminá-la. Além disso, ela faz uso dos verbos no imperativo “deixa” (linha 3), “usa” (linha 7) e “espera” (linha 12), que indicam direcionamentos a serem tomados por Lula. O ex-Presidente ratifica essa autoridade ao sinalizar que seguirá esses direcionamentos, através das pistas “tá bom” (linhas 11 duas vezes, 14 e 16) e “eu fico aguardando” (linha 14). Por um lado, a ratificação do ex-Presidente da escala hierárquica projetada não deve causar surpresas, já que Dilma Rousseff exercia a função de Presidenta da República, cabendo a ela, portanto, a livre nomeação de ministros de Estado. Por outro lado, sendo Lula a liderança que é, tanto no PT quanto no país, é interessante perceber que a projeção escalar hierárquica de Dilma é ratificada, sem qualquer resistência, por Lula.

4.2 Segunda entextualização

Como dito acima, as sessões da Câmara dos Deputados que trataram do pedido de impeachment da Presidenta Dilma foram marcadas pela presença de placas verdes e amarelas com os dizeres “Tchau querida”, como se pode verificar abaixo.



Fonte: <http://www.jogodopoder.com/blog/politica/tchau-querida-camara-aprova-impeachment-de-dilma/>.



Fonte: <http://www.navirainoticias.com.br/tchau-queridas-dilmas-tiago-botelho-e-amanda-guedes/>.



Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2016/04/1761799-camara-vota-impeachment-neste-domingo-veja-perguntas-e-respostas-sobre-o-processo.shtml>.

Como é possível perceber, placas amarelas com os signos “Tchau querida” em verde foram erguidas por diversos deputados e deputadas durante as sessões mencionadas. Essas placas eram acompanhadas por outras com os dizeres “Impeachment já”. Algumas observações podem ser feitas com base em tal entextualização. Em primeiro lugar, a referência “querida” certamente está ligada à então Presidenta Dilma Rousseff e tem aqui seus efeitos performativos revertidos: ao passo que projetava um enquadre de conversa amigável de foro íntimo na interação telefônica entre Lula e Dilma, agora passa a cooperar na

projeção de um enquadre de zombaria. Aliás, vale lembrar que esse enquadre de zombaria é projetado durante uma sessão que decidirá sobre o futuro da representante maior do Poder Executivo nacional.

Além disso, ao enquadre de zombaria corresponde a projeção de autoridade para a identidade dos deputados e submissão para Dilma. Em outras palavras, eles se posicionam como agentes com autoridade para expulsar de seu lugar o interagente submisso. Tendo em vista que os processos de significação locais estão sempre em diálogo com significados translocais, é crucial levar em conta a predominância, nas fotografias, de homens brancos segurando os cartazes. Vale lembrar que Dilma Rousseff foi a primeira mulher a ser eleita presidenta do Brasil e que a seu governo são comumente associados discursos que o constroem como corrupto e promovedor de privilégios a pobres (graças ao Bolsa-Família, principalmente) e negros (principalmente graças à lei de cotas (número 12.711), aprovada em 2012).

Dessa forma, faz-se necessário interpretar não só as placas “Tchau querida!”, mas também aqueles que as erguem. Assim, observamos o posicionamento de autoridade sendo assumido maciçamente por homens brancos que constroem a si mesmos como detentores do poder de expulsar uma mulher de uma posição de poder. É importante frisar que, em lugar de Dilma Rousseff, assumiu a presidência um homem branco, o então vice-presidente Michel Temer. O trabalho semiótico desenvolvido por esses homens erguendo essas placas projeta uma escala de oposição hierárquica entre os deputados e Dilma, com a consequente atribuição aos primeiros do poder de dizer à segunda o que fazer. Em diálogo com significados translocais, é possível conceber essa projeção escalar de hierarquia de gêneros como sinédoque de uma escala social mais ampla que opera essa mesma hierarquização. Cabe frisar que, em 12/05/2016, Temer deu posse a 24 ministros. Todos homens brancos²⁹, recontextualizando a escala projetada para os gêneros em 17/04/2016.

Por fim, é necessário levar em conta a presença ubíqua das cores verde e amarelo nos cartazes acima mencionados. Aliás, as cores verde e amarelo foram usadas por diversos deputados e deputadas quando do pronunciamento de seus votos (ora com uma faixa em volta do pescoço, ora com um pequeno lenço preso ao bolso do paletó). O uso maciço das cores da bandeira cria uma projeção escalar que aproxima a derrubada de Dilma da ditadura militar (especialmente durante a Copa do Mundo de 1970) e do impeachment de Fernando Collor (dada a atuação do Movimento dos Caras Pintadas). O trabalho realizado pelo uso dessas cores confere ao acontecimento da votação do impeachment de Dilma uma amplitude nacional e, portanto, indexicaliza o discurso nacionalista, base importante de sustentação da ditadura militar e também do impeachment do Presidente Collor.

²⁹ Disponível em <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/05/michel-temer-da-posse-aos-novos-ministros-do-governo.html>.

Ao aproximar indexicalmente o golpe de 1964, o impeachment de Collor e a derrubada de Dilma, projeta-se uma analogia escalar entre esses eventos, que invoca a escala da nação, antes ameaçada pelo comunismo em 1964 e pela corrupção e inflação em 1992. Dessa forma, o trabalho escalar performedo por essas placas associa a derrubada de Dilma à retomada da ordem nacional e reconstrói os parlamentares pró-impeachment como defensores do Brasil, da Nação, da ordem nacional. Dessa forma, a projeção escalar performeda pelas placas constrói uma dicotomia entre os parlamentares pró-impeachment e aqueles contrários, sendo os primeiros construídos como defensores dos interesses da nação brasileira (não de interesses particulares, por exemplo).

Com efeito, é possível também afirmar que esses parlamentares, por sua vez, são escalados como sinédoque da população brasileira. As cores verde e amarelo predominaram nas manifestações de rua em apoio ao impeachment, especialmente aquelas ocorridas antes da sessão de 17/04/2016, aqui em análise. Sendo assim, a predominância dessas cores nas placas erguidas por deputados e deputadas é uma recontextualização do uso nas manifestações. Nesse sentido, é interessante notar a predominância dos sorrisos nas fotos. Ao recontextualizar o verde e amarelo das manifestações, pode-se afirmar que os textos fotográficos dessas deputadas e deputados são produzidos ao passo que projetam seu próprio público, especialmente levando em conta que a sessão do impeachment ocorreu num domingo, a partir das 14h e foi transmitida ao vivo pela Rede Globo. A escala de circulação projetada para essas imagens é nacional (ou até internacional, dada a importância do Brasil na economia global), o que significa que os sorrisos cumprem a função de regular sua recontextualização, ao reconstruir em novas configurações esses deputados e deputadas como defensores do país e vitoriosos na batalha contra a última ameaça à nação, iconizada no PT.

4.3 Terceira entextualização

Como menciono na introdução, o último momento da trajetória dos signos “Tchau querida” que analiso acontece durante uma interação entre os deputados Jair Bolsonaro (PSL-RJ) e Jean Wyllys (PSOL-RJ). Pela ordem de votação, Bolsonaro foi seguido por Jandira Feghali (PCdoB-RJ) e Jean. Após seu voto, Jean caminha de volta a seu lugar, quando o deputado do PSL acena acintosa e caricaturalmente, gritando repetidamente “Tchau Querida” para Jean, que, então, cospe no rosto de Bolsonaro³⁰.

Sendo assim, a entextualização de “tchau querida” tendo Jair Bolsonaro como falante e Jean Wyllys como ouvinte produz efeitos diferentes daqueles examinados até aqui. Em primeiro lugar, o enquadre projetado para a interação é o de ofensa homofóbica, uma vez que faz parte do repertório cultural

³⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JWydI5kODjc>.

compartilhado socialmente a utilização de itens lexicais no feminino para ofender homens gays. Jair Bolsonaro reifica performativamente a masculinidade hegemônica, que tem como um de seus traços a identificação e ridicularização do homossexual, ou seja, da alteridade, para reafirmar sua própria heterossexualidade.

Ao mesmo tempo, tal escolha lexical projeta posições sociais distintas para ambos: Bolsonaro se posiciona como homem heterossexual ao passo que projeta para Jean Wyllys a posição de homem homossexual a ser ofendido. O trabalho escalar projeta uma cisão entre duas formas opostas de performar masculinidade e hierarquiza essas identidades. A ofensa ao Outro constitutivo coloca esse outro em seu lugar (Butler, 1997), isto é, a subalternidade, e reifica a posição de poder de quem ofende. Não há novidade na projeção escalar de Bolsonaro. Há, entretanto, recontextualização dos signos “Tchau Querida!”, que, no caso em tela, direcionados a um homem gay, subvertem o enquadre “original” de conversa amigável projetando uma ofensa homofóbica.

Entretanto, Jean recontextualiza a ofensa homofóbica de maneira, no mínimo, inusitada, isto é, com uma cusparada. Nesse sentido, é interessante notar o argumento de Ahmed (2014, p. 86), de que “a proximidade do ‘objeto nojento’ pode gerar a sensação de transgressão do espaço corporal”³¹, o que significa uma proximidade forçada que o corpo busca expelir. Sentir nojo é ser afetado por um objeto repulsivo a ser recusado. Nesse sentido, uma cusparada serve exatamente como uma recusa que maximiza a distância entre o sujeito enojado e o objeto nojento. Sendo assim, ainda que não tenha dito uma só palavra, a performance corporal de Jean Wyllys constrói significado de nojo. Com sua resposta, Jean recusa a posição social de fragilidade e subalternidade projetada pela ofensa e inaugura um micromovimento de resistência a tais situações sociais. Ademais, uma cusparada no rosto é interpretada socialmente como humilhante, o que significa que, na interação sob análise, a tática de resistência a um processo violento de ofensa acabou criando não a humilhação do ofendido, mas do ofensor. Jean corporifica uma performance de nojo e projeta Jair Bolsonaro como alvo desse nojo.

Sendo assim, o trabalho escalar empreendido por Jean Wyllys constrói oposições bastante diferentes daquelas projetadas pela ofensa de Bolsonaro. Jean, em rede nacional, cospe no rosto de Bolsonaro no exato momento em que é xingado e ridicularizado com base em sua orientação sexual. O objeto nojento que causa a repulsa é Bolsonaro, pensando numa escala interacional micro, mas ele corporifica uma sinédoque da própria homofobia (ou LGBTTIQ-fobia) ou, em escala ainda mais ampla, do fascismo. A homofobia e o fascismo são os objetos que invadem o corpo de Jean – aqui também funcionando como sinédoque do corpo LGBTTIQ – e para os quais ele responde com nojo. Logo, a escala projetada opõe, de um lado, fascismo e homofobia (portanto, a desigualdade) a

³¹ *the proximity of the ‘disgusting object’ may feel like an offence to bodily space.* Tradução minha.

ideais de democracia e justiça social. Essa projeção escalar ganha ainda mais força devido ao fato de que Jean Wyllys aderiu à narrativa alternativa que constrói o impeachment como golpe, que projetou aqueles contrários ao impeachment como defensores da democracia. A cusparada de Jean performativamente escala os defensores do impeachment, construindo-os como um grupo de golpistas, bandidos, torturadores, homofóbicos e fascistas.

5. Considerações finais

Como podemos perceber na análise acima, cada nova entextualização de “Tchau querida” produz novas recontextualizações e os efeitos de cada recontextualização são imprevisíveis. O enquadre de conversa amigável projetado na primeira interação estudada, entre os ex-Presidentes Lula e Dilma (bem como a sutil autoridade de Dilma), é subvertido quando os mesmos signos são entextualizados durante as sessões da Câmara dos Deputados. Não apenas o item lexical “querida” adquire traços negativos e irônicos; também o enquadre da situação social muda. Em outras palavras, os signos “tchau querida”, quando entextualizados pelos deputados, performativamente reconfiguram o enquadre interpretativo para transformá-lo em zombaria. Além disso, em diálogo com o repertório sociocultural brasileiro, homens brancos projetam para si um posicionamento de autoridade ao passo que projetam para uma mulher (Dilma) um de passividade. Por fim, os signos são mais uma vez entextualizados por Jair Bolsonaro, criando novas recontextualizações, ao performativamente construir um enquadre de ofensa homofóbica e projetar posicionamentos de homem heterossexual para Bolsonaro e homem gay ofendido passivamente para Jean. Entretanto, como os efeitos da entextualização são imprevisíveis e reconstróem (adiam) o significado a cada momento da trajetória textual, Jean performa uma estratégia de resistência ao cuspir no rosto de Bolsonaro.

Além disso, a análise aqui empreendida também ilustra a necessidade de estudar os processos de significação “através de encontros” (Agha, 2005; Borba, 2016; Fabricio, 2014). Dada a indisciplina do signo, faz-se necessário investigar a circulação iterável dos signos linguísticos através de sua trajetória. Ainda que tal investigação não tenha, de forma alguma, a capacidade de descrever a totalidade de tal trajetória dos signos linguísticos (tal esforço seria infrutífero, sem dúvida), o olhar voltado para as práticas sociais e, conseqüentemente, os processos de circulação, pode nos apontar caminhos de ressignificação da vida social, na direção de uma realidade de justiça e democracia.

É também crucial que a pesquisa linguística, imbuída do objetivo de criar inteligibilidade sobre práticas onde a linguagem é fundamental (Moita Lopes, 2006), examine práticas sociais concretas levando em consideração que os significados são construídos localmente, mas sempre necessariamente em diálogo com significados macrossociais que gozam de certa estabilidade (ainda

que tal estabilidade esteja baseada no solo movediço da iterabilidade discursiva). Sendo assim, é possível entender que significados emergentes sobre sexualidade e construção da masculinidade hegemônica, por exemplo, respondem a significados macrossociais que fazem parte do repertório sociocultural de nossa sociedade. Nesse sentido, é fundamental levar em consideração que os dados analisados neste artigo estão intrinsecamente ligados à escala política nacional (especialmente no ano de 2016), especificamente o processo de impeachment de Dilma Rousseff. Dessa forma, é possível dizer que significados sobre gênero e sexualidade cooperam na comunicação da ideia do impeachment, como argumento em Sanque (no prelo).

Nesse sentido, é sabido socioculturalmente que performances identificadas como gays são motivo de chacota e humilhação (e até mesmo violência física) em muitos campos sociais. É através dessa conexão indexical que é possível a compreensão da ofensa homofóbica na última interação analisada acima. Como menciono anteriormente, o enquadre projetado por Bolsonaro é de ofensa homofóbica e é possível afirmar que a reação esperada era a assimilação da ofensa. Em diálogo com significados macrossociais sobre a virilidade do homem heterossexual e a passividade dos homens gays (porque estereotipicamente associados às mulheres), é esperado em tais interações que a dominação dos homens heterossexuais seja reificada. A ofensa homofóbica funciona como mecanismo de controle, se não da prática homossexual, da livre performance de gênero socialmente considerada afeminada. A construção de tais performances como dignas de xingamento deve ser, portanto, interpretada como um discurso que performativamente (re)constrói gêneros e sexualidades desejáveis.

Entretanto, como mostrei durante a análise, Jean Wyllys não aceita a posição de subalternidade projetada pela ofensa. Em outras palavras, ele constrói uma projeção escalar que produz efeitos performativos de resistência a um projeto escalar dominante e hierarquizante quanto a práticas sexuais. Tomada esta interação como sinédoque, a cusparada de Jean aponta para a crescente resistência LGBTTIQ contra a opressão social com base em diferenciações de sexualidade e gênero, ou seja, em direção a uma organização social mais justa. Dessa forma, essa curtíssima interação analisada serve como sinédoque da crescente polarização de orientações escalares em competição. De um lado, um recrudescimento do conservadorismo (refletido, inclusive, na eleição de Bolsonaro à presidência da república nas eleições de 2018) e, de outro, o crescimento de movimentos feministas e LGBTTIQ (além dos movimentos negros, MST e MTST, entre outros) reclamando uma organização social com o compromisso ético de inclusão social de grupos historicamente marginalizados.

A performance ofensiva de Bolsonaro projeta, com base no trabalho escalar que opõe homens heterossexuais a homens homossexuais, posições

sociais de autoridade (e até autoritarismo) e de ridicularização, contribuindo para a desigualdade e violência, atributos tão relevantes da vida brasileira contemporânea. Sendo Jean Wyllys um homem negro, gay, nordestino (baiano) e de berço pobre, ele, em certa medida, representa um projeto de país mais inclusivo. Os governos do PT são marcados por políticas relacionadas a populações periféricas, que passaram a ter mais direitos. A ofensa de Bolsonaro a Jean aponta para a expulsão, portanto, de um projeto de país, de democracia, justiça social e igualdade de direitos, por ele corporificar esse projeto, associação potencializada por Jean ter votado contrariamente ao impeachment de Dilma Rousseff.

A cusparada de Jean, por outro lado, projeta oposições baseadas na defesa da democracia e dos direitos fundamentais. Ao responder com nojo à ofensa de Bolsonaro, seu texto projeta posições de autoritarismo como merecedoras de nojo. Interessante notar que o nojo, segundo Ashworth (2016), é uma poderosa ferramenta de governo, que edifica regimes de violência e dominação. No caso em análise, as posições de nojento e enojado estão subvertidas, e parecem caminhar na direção do argumento de Ngai (2005), de que o nojo não deve ser escondido se direcionado ao fascismo.

Referências

- AGHA, A. Semiosis across encounters. In: *Journal of Linguistic Anthropology*, vol. 15, n. 1, p. 1-5, 2005.
- AHMED, S. *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004 [2014].
- ASHWORTH, M. Affective governmentality: governing through disgust in Uganda. In: *Social & Legal Studies*, Vol. 26 (2), 2017.
- BAUMAN, R; BRIGGS, C. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. In: *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 8 1-2, 1990/2006.
- BLOMMAERT, Jan. Chronotopic identities. Disponível em [https://www.academia.edu/19683565/Chronotopic identities On the timespace e organization of who we are](https://www.academia.edu/19683565/Chronotopic_identities_On_the_timespace_and_organization_of_who_we_are), 2016.
- BLOMMAERT, J.; WESTINAN, E.; LEPPANEN, S. Further notes on sociolinguistic scales. In: *Working papers in urban language and literacies* 123, 2014.
- BOAVENTURA, J. *Suburbanos e farofeiros em trânsito: entre a fricção e a (re)construção textual de subjetividades fora do lugar*. Rio de Janeiro: UFRJ – Tese de Doutorado, 2018.
- BORBA, R. Receita para se tornar um transexual verdadeiro: discurso, interação e (des)identificação no Processo Transexualizador. In: *Trabalhos de Linguística Aplicada*, 2016.
- BRIGGS, C. Anthropology, interviewing, and communicability in contemporary social life. In: *Current Anthropology* 48, 2007.

- _____. Communicability, racial discourse, and disease. In: *Annual Review of Anthropology*, 2005, pp. 269-291.
- BUTLER, J. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. New York: Routledge, 1997.
- CARR, S. E.; LEMPERT, M. Introduction: Pragmatics of scale. In: CARR, S. E.; LEMPERT, M. (Eds.) *Scale: discourse and dimensions of social life*. Oakland: University of California Press, 2016.
- CARR, S. E.; FISHER, B. Interscaling awe, de-escalating disaster. In: CARR, S. E.; LEMPERT, M. (Eds.) *Scale: discourse and dimensions of social life*. Oakland: University of California Press, 2016.
- CARVALHO, L. *Valsa Brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia, 2018.
- DERRIDA, J. Signature Event Context. *Glyph*, vol. 1, 1977.
- FABRÍCIO, B. F. Transcontextos educacionais: gêneros, sexualidades e trajetórias de socialização na escola. In: SILVA, D. N. et. al. (orgs.), *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, pp. 145-189.
- FABRÍCIO, B.; BORBA, R. *Remembering in order to forget: scaled memories of slavery in the linguistic landscape of Rio de Janeiro*. No prelo.
- LIMA, V. A direita e os meios de comunicação. In: CRUZ; KAYSEL; CODAS (Orgs.) *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, pp. 91-114.
- MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B.; GUIMARÃES, T. Scaling queer performativities of genders and sexualities in the periphery of Rio de Janeiro in digital and face-to-face semiotic encounters. In: S. Kroon & J. Swanenberg (eds.). *Language and Culture on the Margins. Local/Global Interactions*. London: Routledge, no prelo.
- MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006
- NGAI, S. *Ugly Feelings*. Harvard University Press, 2005.
- PENNYCOOK, A. Performance and performativity. In: *Global Englishes and Transcultural Flows*. Nova York: Routledge, 2007.
- SANQUE, D. "Pela família": múltiplas indexicalidades de família na comunicação do impeachment de Dilma Rousseff. No prelo.
- SOUZA, J. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: Leya, 2016.
- VAN DIJK, T. How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. In: *Discourse & Communication*, 2017, pp. 1-31.



CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

(.)	Pause
pala:vra	prolongamento de som
pa ↑ lavra	Entonação ascendente
=palavra	Fala sem pausa entre turnos
<u>palavra</u>	fala mais alta
PALAVRA	fala ainda mais alta
A: pa[lavra	
B: [palavra	fala simultânea
>palavras<	fala acelerada
<palavras>	fala desacelerada